
O “ARCO-ÍRIS À MEIA-NOITE”: VELHICE FEMININA, CORPO E MENTE DEBILITADOS EM CÍNTIA MOSCOVICH

Flávia de Castro Souza¹

Resumo: Em “O arco-íris à meia-noite”, conto da escritora contemporânea Cíntia Moscovich, a personagem Dona Helena é diagnosticada com demência e a partir desse momento a narrativa mostra uma mulher velha que, em meio à fragilidade e à decadência do corpo físico, tem que lidar ainda com a perda do espaço social, da voz e da memória. Este artigo analisa o conto sob a perspectiva dos estudos de gênero e das teorias feministas, em especial o pensamento de Judith Butler e o conceito de corpos abjetos.

Palavras-chave: feminismo; velhice; corpo; Cíntia Moscovich.

Pensei entrar na velhice
por inteiro
como um barco
ou um cavalo.
Mas me surpreendo
jovem velha e madura
ao mesmo tempo.
E ainda aprendo a viver
enquanto avanço
na rota em cujo fim
a vida
colide com a morte.
(Marina Colasanti)

Introdução

Em 2015 a diretora de cinema Petra Costa fez um discurso defendendo o direito das mulheres sobre o seu próprio corpo ao ganhar o prêmio de Melhor Longa Metragem Documentário por *Olmo e a gaivota* no Festival do Rio, porém seu discurso recebeu várias críticas negativas. Em resposta a essas críticas, foi produzida uma campanha intitulada “Meu corpo, minhas regras²” em que algumas atrizes/atores, vestidas/os com figurino da personagem do filme, grávida e usando uma peruca azul, levantam questões a respeito da autonomia da mulher sobre o seu próprio corpo, machismo,

¹ Mestre em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás. E-mail: sapatospateados@gmail.com.

²COLETIVO AS GAIVOTAS. “Meu Corpo, Minhas Regras - Olmo e a Gaivota” / My Body, My Rules - Olmo and The Seagull.” <https://www.youtube.com/watch?v=CafzeA-9Qz8>. Acesso em 17 de junho de 2017.

representatividade da mulher, aborto, luta contra o patriarcado, maternidade. O audiovisual de 2:38 minutos reafirma a luta dos movimentos feministas sobre a necessidade de romper com os confinamentos que os papéis de gênero estabelecem, sobre as definições e funções pré-estabelecidas aos corpos, sobre as incumbências sexuais definidas pelo binarismo de gênero e sobre a padronização dos corpos. Na nossa sociedade machista e capitalista, o corpo da mulher é um objeto, a todo instante recebemos ordens de como devemos nos comportar, de como devemos ser fisicamente e até como devemos reagir emocionalmente.

A campanha “Meu corpo, minhas regras” é altamente política e representativa ao colocar corpos diversificados, homens e mulheres ostentando uma gravidez, maquiados e penteados de forma similar, numa tentativa de ocultar uma representação exclusiva de mulher e abarcar outras categorias de sujeito. O audiovisual me fez recordar temas discutidos por Judith Butler em *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade* (2003) sobre a desconstrução do conceito binário de gênero que sustentaria parte da teoria feminista. Judith Butler faz um exercício de repensar o conceito de mulher(es) como uma identidade definida e questiona a dualidade sexo/gênero, um dos pilares do feminismo. Ao problematizar o conceito de mulher(es), a filósofa objetiva abarcar outras interseções com modalidades raciais, étnicas, sexuais e regionais, reconhecendo que não se trata de eliminar o sujeito feminino, apenas se recusa a aceitar a existência de um sujeito fixo ou pré-discursivo. Assim, afirma que

A identidade do sujeito feminista não deve ser o fundamento da política feminista, pois a formação do sujeito ocorre no interior de um campo de poder sistematicamente encoberto pela afirmação desse fundamento. Talvez, paradoxalmente, a ideia de ‘representação’ só venha realmente fazer sentido para o feminismo quando o sujeito ‘mulheres’ não for presumido em parte alguma (BUTLER, 2003, p. 23-24).

Outro conceito importante apresentado por Judith Butler no livro *Problemas de gênero* é o de performatividade de gênero. Para a filósofa, somos fruto do discurso que formatam nossos corpos, esse discurso ocorre por meio da repetição de atos, gestos e signos, e também pelo ambiente cultural no qual estamos inseridos, que reforçaria a construção dos corpos masculinos e femininos, numa busca pela manutenção da heteronormatividade compulsória. Enquanto isso, os corpos que não se encaixam nesse

discurso, segundo Judith Butler, são considerados “corpos abjetos”, aqueles que não deveriam existir dentro de determinada matriz cultural. Ao ampliar o conceito de corpos abjetos, para além dos grupos LGBTs³ referenciados no livro, percebemos que esse conceito pode abarcar outros grupos excluídos como, por exemplo, moradores de rua, refugiados, deficientes físicos, idosos, já que podemos considerar que a abjeção e a exclusão ocorrem pela ausência de reconhecimento e de legitimidade.

Ao discutir o corpo feminino, Judith Butler afirma que a política feminista se utiliza da binariedade de sexo, da distinção dos gêneros e da sexualidade específica de forma ostensiva para expressar os interesses e as perspectivas das mulheres. Judith Butler questiona: “Será que ‘o corpo’ em si é modelado por forças políticas com interesses estratégicos em mantê-lo limitado e construído pelos marcadores sexuais?” (BUTLER, 2003, p. 185). A filósofa afirma que o corpo em si preexistiria à aquisição de seu significado sexuado e que as inscrições em relação a ele seriam fontes culturais externas. Assim, para Judith Butler, o corpo, marcado pela performatividade de gênero, é um objeto cultural construído por atos intencionais e repletos de significados.

Em outra perspectiva sobre a representação dos corpos femininos, a teórica feminista Elódia Xavier em seus estudos sobre literatura de autoria feminina afirma que várias concepções contemporâneas sobre o corpo tiveram origem no pensamento filosófico ocidental cartesiano, no qual o corpo seria instrumento à disposição da consciência, ou seja, a mente (imortal) seria abrigada temporariamente pelo corpo (mortal). Para a estudiosa, o conceito de corpo através da história da humanidade é reforçado pela dualidade mente/corpo, associada à dualidade macho/fêmea, assim a feminilidade é vinculada ao corpo e a masculinidade à mente. Nesse sentido, as mulheres “acabam confinadas às exigências biológicas da reprodução, deixando aos homens o campo do conhecimento e do saber (XAVIER, 2003, p. 254)”. Para Elódia Xavier existe uma relação entre esse pensamento misógino, no qual a posição secundária da mulher e o controle do seu corpo estariam autojustificados e a restrição do campo de atuação das mulheres na sociedade reforçada pelo discurso da fragilidade e da vulnerabilidade do corpo feminino. Para Elódia Xavier os corpos devem ser analisados sob o viés histórico e sociológico e relacionado aos processos de dominação da mulher.

³ Sigla para lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, transgêneros e intersexos.

O corpo e a voz da mulher velha

Algumas pesquisas que circulam no meio acadêmico englobam questões sobre a sub-representatividade e a estigmatização dos corpos femininos nas artes, sejam elas visuais ⁴, cinematográficas ⁵ ou literárias ⁶ e são unânimes quanto à baixa representatividade da mulher, seja como produtoras artísticas ou na forma de representação de seus corpos e de suas vozes. Regina Dalcastangè em seu estudo sobre as personagens dos romances brasileiros contemporâneos afirma que 72,7% dos autores publicados por três das maiores e prestigiadas editoras do ramo literário no Brasil entre 1990 e 2004 são homens e que existe ainda uma predominância das personagens do sexo masculino sendo representados nesses textos literários, com 62,1% contra 37,8% de mulheres. Além das mulheres serem menos representadas, a pesquisa leva em consideração a sua posição na narrativa: “as personagens femininas tendem a ocupar menos tanto a posição de protagonistas quanto de narradoras” (DALCASTAGNÈ, 2005, p.36). Dentro desse universo literário, entre as personagens do sexo feminino, outro fator de relevância para este artigo são as representações da mulher na velhice, com apenas 8,5% dos casos, contra 33,8% de representações nas categorias juventude e 43,3% na idade adulta, numa sociedade em que a população idosa está aumentando exponencialmente⁷, conforme dados colhidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística no ano de 2016.

A historiadora Tânia Navarro Swain em seu ensaio *Velha? Eu? Autorretrato de uma feminista* faz um desabafo sobre a condição da mulher velha em nossa sociedade, afirma que a velhice é binariamente oposta à juventude, categoria hipervalorizada, e que essa forma instituída polariza e hierarquiza os papéis sociais como formas de excluir,

⁴ GODINHO, Julia Moura. *Mulheres artistas em revolução: museologia, feminismo e arte*. 2014. 119 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Coordenadoria Especial de Museologia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

⁵ *Preconceito de gênero sem fronteiras: uma pesquisa sobre personagens femininos em filmes populares em 11 países*. Geena Davis Institute on Gender in Media, Organização das Nações Unidas (ONU Mulheres) e Fundação Rockefeller. Disponível em <https://seejane.org/wp-content/uploads/gender-bias-without-borders-executive-summary.pdf>. Acesso em 27 de junho de 2017.

⁶ DALCASTAGNÈ, Regina. “A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004”. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n. 26. Brasília, julho-dezembro de 2005, pp. 13-71.

⁷ <http://biblioteca.ibge.gov.br/pt/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=298579>. Acesso em 29 de junho de 2017.

controlar e cindir as forças de resistência. Ao se colocar contra os discursos médicos, estéticos e comportamentais que valoram o “corpo-em-mulher” a partir dos referenciais da juventude, Tânia Navarro Swain rompe com o assujeitamento da imagem idealizada da mulher e subverte os papéis sociais preestabelecidos para as velhas e as jovens: A velhice, tanto quanto a juventude, é uma categoria social que cristalizam sobre os corpos em transformação contínua, valores e significações com uma importância decisiva sobre seu lugar nas relações humanas (SWAIN, 2003, p. 6).

Suas pontuações autobiográficas remetem também às diferenças etárias das mulheres dentro do movimento feminista e, ao se colocar como uma velha feminista, questiona: “É assim tão difícil perceber as linhas de poder que sustentam as oposições binárias? ”, referindo-se aos grupos de jovens feministas em oposição às feministas clássicas, tradicionais e velhas. O tom do ensaio revela disputas e separações que levam à exclusão de determinados grupos dentro do próprio movimento. Nessa corrente de pensamento, Tânia Navarro Swain cita Iris Young com o conceito de *serialidade* como força positiva de ação política feminista, na qual se cria uma ilusão de essência para possibilitar maior coesão dos grupos minoritários (incluídos pelas classificações de cor de pele, força política, peso, idade, opção sexual) e questiona se “devemos nós sofrer novas hierarquizações que enfraquecem nossas ações, nossas ‘precipitações’ políticas?” (SWAIN, 2003, p. 4).

Ao perceber na teoria feminista e na prática político-social que nós mulheres suportamos, além das hierarquizações de gênero, as hierarquizações etárias, com base nos discursos generalizados sobre as mulheres e seus corpos, torna-se relevante a discussão da representação da mulher velha na literatura brasileira, em especial na contemporânea, que provavelmente deve revelar como está essa visão sobre a mulher velha nos dias de hoje.

Susana Moreira de Lima, na tese *O outono da vida: trajetórias do envelhecimento feminino em narrativas brasileiras contemporâneas*, defendida em 2008 na Universidade de Brasília, faz uma vasta análise da representação das personagens velhas a partir de um *corpus* de doze contos, uma novela e dois romances, escritos por variados autores e autoras, entre os anos de 1964 a 2003. Dentre os quinze textos literários escolhidos por Susana Moreira de Lima para a tese, apenas três deles são

narrados pelas próprias personagens, mulheres e velhas, os demais são histórias narradas por outras vozes. A pesquisadora constata que “nos textos narrativos que abordam a velhice a voz narrativa quase nunca é do velho; quando se trata da voz feminina, o quadro agrava-se” (LIMA, 2008, p. 14) e ainda faz uma relação entre o avançar da idade, a diminuição da velocidade dos passos e a perda do poder da voz.

A pesquisadora Susana Moreira de Lima apontou, em sua tese, dois enfoques recorrentes nas análises dos contos: a inutilidade e a sabedoria. A inutilidade estaria associada à debilidade física, à incapacidade de realizar algumas tarefas e de articular palavras, por exemplo, que desencadearia um processo de deterioração moral; enquanto a sabedoria seria uma qualidade atribuída ao velho, proveniente da sua experiência de vida, que, associada à memória, atuaria como elemento desencadeador do processo de reflexão, principalmente no que diz respeito às narrativas orais. Porém, a pesquisadora constata que “no que diz respeito à sabedoria, encontram-se mais homens velhos, como personagens, e, quanto à narração, destaca-se a velha voz masculina. A velhice feminina é sub-representada nessa literatura” (LIMA, 2008, p. 17). Nos contos analisados, as personagens, sejam elas velhas ou velhos, recuperam de certa forma o respeito e a consideração do outro através das lembranças de histórias passadas que são contadas aos seus. Mesmo quando não lhes restam mais nada ainda lhes restam a memória: “[...] revivendo bons momentos trazidos da memória. É novamente pela memória do passado que o idoso recupera um pouco de sua dignidade, pelo que fora” (LIMA, 2008, p. 43). Assim, Susana Moreira de Lima afirma que corpo, solidão e memória configuram as representações da velhice feminina nas narrativas brasileiras contemporâneas.

A velhice em “O arco-íris à meia-noite”

Cíntia Moscovich em seu livro *Arquitetura do arco-íris* (2004) traz um conto que tem como temática a velhice feminina, intitulado “O arco-íris à meia-noite”. No caso dessa narrativa brasileira contemporânea, a protagonista é uma velha senhora que é diagnosticada com demência. Dona Helena, em meio à fragilidade e à decadência do corpo físico, tem que lidar ainda com a perda do espaço social, da voz e da memória.

A personagem de Cíntia Moscovich sente o agravamento da sua condição de velha, não apenas pelo aspecto físico, mas principalmente mental, o que pode ser verificado na narrativa quando a personagem é diagnosticada: “*Demência*, repetia-se, no pavor do diagnóstico, um pavor maior do que experimentara anos atrás, ao saber que tinha problemas de coração” (MOSCOVICH, 2004, p. 139). O estado de saúde vai se agravando ao longo da narrativa, com o passar do tempo, marcado pela rotina repetitiva da velha senhora, percebe-se a deterioração do corpo, mas, principalmente, da mente da personagem.

O reconhecimento desse corpo que vai envelhecendo aos poucos em “O arco-íris à meia-noite” é evidenciado na narrativa pelo estranhamento da própria personagem quanto à sua aparência física e quanto à incerteza sobre seu estado de saúde mental, como se pode comprovar na leitura dos trechos a seguir:

Dona Helena afligia-se toda em tortura: como saber o que era alucinação e o que não era?

[...]

Até ali vivera como se vive, nem melhor nem pior, e de repente, sem mais quê nem para quê, os anos se empilhavam todos pesados se suas costas – saber se estava bem, mas como? (MOSCOVICH, 2004, p. 140)

[...] sentada frente ao espelho, penteava-se, penteava-se, penteava-se, a escova enleando-se nos nós dos cabelos crespos, tufo arrancados à força, até que se tinha pronta [...]. Depois da maquiagem, perdia-se olhando a figura de óculos no espelho, espantada de se reconhecer (p. 143)

[...] espantava-se de reconhecimento muitas vezes. Por trás das lentes, os olhos haviam sido azuis, e o azul cedera lugar a um véu branquicento, fato que lhe desmaiava a expressão (p. 144)

Alguns objetos que aparecem de forma recorrente na narrativa também são marcadores da repetição e da confusão mental da velha senhora, são eles os óculos, um vestido e um broche. A recorrência da imagem dos óculos “então ela tirava os óculos, limpando-os na barra da saia, e olhava fixamente o filho e a nora” (p. 145) ou “então pegou os óculos no criado-mudo. Ao pôr as lentes, o cenário entrando em prumo” (p. 147) pode ser um indício da diminuição da visão, causada pelo envelhecimento do corpo, enquanto a presença constante das imagens do vestido branco com poás pretos (velho, opaco e puído) e o broche de ouro, “presente de noivado (p.143)”, podem

remeter à sensação experimentada pela personagem na desordem da passagem do tempo e à melancolia causada pelas reminiscências da juventude.

Cíntia Moscovich constrói a narrativa deixando transparecer uma gradação progressiva de desgaste de corpo e mente da personagem, de uma crescente angústia causada pelas tentativas inúteis de superação da doença, além da criação de empatia do(a) leitor(a) com a mulher aflita com os seus esquecimentos. A certa altura do conto, como que para ressaltar a evolução da velhice e da doença, uma das filhas da protagonista tem um pressentimento que ao final parece se concretizar:

– Tenho medo de que um dia seja tarde demais.
Tarde demais para quê?, perguntaram os outros.
– Um dia ela vai e não volta – respondia a irmã.
E eles se entreolharam, constrangidos (MOSCOVICH, 2004, p. 142)

[...] os filhos que viessem depressa, depressa, pelo amor de Deus.
Mas aí já era tarde até para Deus (p. 150)

A personagem luta diariamente em busca da manutenção de sua faculdade mental numa tentativa de resistir ao esquecimento, à exclusão social e à solidão. Em vários momentos da narrativa dona Helena busca a aprovação daqueles que a rodeiam e tenta, inutilmente, agradar às expectativas do outro: “fazia o máximo para conversar com naturalidade e somente coisas que julgava *boas* [...] E o que ela dizia – tudo o que ela dizia – despertava entre os dois uma troca de olhares oblíquos, ora satisfeitos ora preocupados – e assim ela podia saber se estava, ou não, *bem* (*grifo da autora*, p. 145)”.

Diferentemente do que ocorre nos contos analisados por Susana Moreira de Lima, em que a pesquisadora conclui que a memória é o que sustenta o sopro de vida das personagens velhas e velhos, no conto “O arco-íris à meia-noite” a personagem dona Helena é anulada, silenciada e perde por completo a autonomia e a dignidade humana com o avançar da idade e da doença. A degradação física é agravada pela degradação da memória e, conseqüentemente, sem poder contar e recontar suas próprias histórias de vida, suas experiências pessoais, a personagem é anulada, já quase falecida, poderíamos dizer até que ela está morta em vida, uma das interpretações possíveis para o final do conto:

[...] ela pediu a Deus que aparecesse, e repetiu o pedido, e mais as mãos se contraíam, e mais a voz troava, e ela desenhava dentro de si a vida inteira, a memória delicada como uma iluminura, e de repente o passado era uma casa sem mobília, um vago limbo negro movido a sombras – e só lhe restou entregar-se ao futuro, porque o futuro era finalmente o rosto terrível e amantíssimo de Deus” (MOSCOVICH, 2004, p. 149)

Em *Memória e sociedade: lembranças de velhos*, de Ecléa Bosi, livro publicado no ano de 1979, assim como a tese defendida por Susana Moreira de Lima, a memória é vista como uma fonte de sobrevivência interior do idoso. A estudiosa de psicologia social, Ecléa Bosi, ao reunir depoimentos de experiências de vida na cidade de São Paulo, por meio de relatos pessoais de velhos e velhas, ressaltou e transformou a voz do velho em palco de justiça e de reconhecimento. Seu estudo de caso, baseado em relatos, lembranças e memória pessoal que se fez social, deu visibilidade para aqueles que são, normalmente, excluídos nas representações dominantes da sociedade e nos discursos históricos. Porém, consciente da exclusão e do silenciamento da voz dos velhos e velhas, a autora afirma que “[...] o velho não tem armas. Nós é que temos de lutar por ele” (BOSI, 1994, p. 81).

No caso do conto selecionado para este artigo, dona Helena, personagem de Cíntia Moscovich, além da fragilidade do corpo velho pelo avançar da idade perde também o sopro de vida interior e a possibilidade de resgate da dignidade que lhe caberia por meio da memória. Ao dizer que “minguara de carne e de tino” o narrador ou a narradora evidencia que corpo e mente estão numa mesma sintonia, ambos enfraquecidos e comprometidos:

Sem ceder à tentação de tornar-se em vítima, com certeza da memória, atinou que, de grossa e pesada, o corpo arredondando, dera nisso, numa mulher sequinha, chata de peito, costas arqueando-se de osso e pele. Uma pena – os filhos criados, a viuvez: quando ela ficara madura e pronta como uma gota d’água, minguara de carne e tino (MOSCOVICH, 2004, p. 147).

Como analisado no conto, a velhice de dona Helena, com o corpo e a mente debilitados, torna-se uma angústia para ela mesma, até o ponto em que perde completamente a consciência e a memória, deixando de existir socialmente e tornando-se impossibilitada de proferir sua voz. Esse corpo completamente anulado, silenciado e excluído pode ser considerado um “corpo abjeto”, de acordo com as teorias de Judith

Butler. Associando esse conceito de Judith Butler a um dos focos da obra de Ecléa Bosi, o de que os velhos não teriam armas e que nós teríamos que lutar por eles, fica mais evidente que a luta por pertencimento e reconhecimento desses corpos teria que partir da sociedade em si, como um todo.

Quem estaria disposto a lutar por esses corpos velhos e abjetos?

O deixar-se envelhecer, quase sempre refutado, principalmente pelas mulheres, as mais oprimidas dentro do modelo de vida e de consumo da nossa sociedade, deveria ser usado como uma arma para mudança na nossa matriz cultural. Uma das maneiras possíveis de luta seria a prática da subversão, considerando que deixar-se envelhecer nos dias de hoje é subversivo. Assim, criaríamos novas performatividades que seriam estabelecidas no meio social e propiciariam uma maior mobilidade dos corpos e visibilidade para outras categorias de sujeito, compreendidos pela teoria de gênero e feminista. Dessa forma, repensando os conceitos de sujeitos fixos e pré-estabelecidos discursivamente, os atuais “corpos abjetos” teriam possibilidade de serem resignificados, legitimados e reconhecidos, saindo desse lugar de exclusão, invisibilidade e de marginalidade social.

Nesse sentido, o posicionamento político e pessoal explicitado no texto de Tânia Navarro Swain sobre si mesma *Velha? Eu? Auto-retrato de uma feminista* pode ser visto ou lido como contraposição à corrente vigente e estabelecida na nossa sociedade: “Minha imagem no espelho é a de uma estrangeira, renovada a cada dia, aqui uma dobra, ali uma ruga, uma expressão nos olhos, esta tristeza que se acumula na experiência, a neve que, cada vez mais, possui meus cabelos” (SWAIN, 2003, p. 1). Este é só um exemplo da prática dessa subversão já exercitada por algumas feministas.

Mesmo que soe um tanto paradoxo, a frase que resume o livro de Ecléa Bosi, *Memória e sociedade: lembranças de velhos*, “[...] o velho não tem armas. Nós é que temos de lutar por ele (p. 81)”, é ainda mais verdadeira em se tratando de *mulheres velhas sem memória*. Ecléa Bosi afirma que é pela memória que os velhos podem ser reconhecidos, porém os velhos sem memória também necessitam de alcançar algum tipo

de reconhecimento social, em especial as mulheres velhas já tão silenciadas historicamente e ainda mais apagadas com a força da idade.

Esse trabalho buscou ressaltar um tema latente na sociedade que é a visibilidade das mulheres velhas, em especial aquelas que sofrem com a perda da memória, normalmente vistas como indesejadas socialmente. A representatividade do corpo velho ainda é pequena nas diversas áreas artísticas (cinema, literatura, mídias, artes visuais), mas essas mulheres precisam ganhar espaço e serem representadas. Na campanha citada no início deste artigo, “Meu corpo, minhas regras”, a ausência da mulher velha no audiovisual pode ser notada, enquanto várias outras minorias *serializadas* foram devidamente representadas, como, por exemplo, as mulheres negras e trans. Ao me dedicar à luta pela dignidade dessas mulheres contribuo, minimamente, para transformar, fazer justiça e propagar o reconhecimento dos corpos e das vozes das velhas.

Referências

- BOSI, Ecléa (1994). **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras.
- BUTLER, Judith (2003). **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Coleção Sujeito e História. Tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- LIMA, Susana Moreira de (2008). **O outono da vida: trajetórias do envelhecimento feminino em narrativas brasileiras contemporâneas**. 194 f. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) – Universidade de Brasília, Brasília.
- MOSCOVICH, Cíntia (2004). “O arco-íris à meia-noite”. In: _____. **Arquitetura do arco-íris**. Rio de Janeiro: Record.
- SWAIN, Tânia Navarro (2003). “Velha? Eu? Autoretrato de uma feminista”. Labrys: Estudos feministas, n. 4, agosto/dezembro. Disponível em <http://www.labrys.net.br/labrys4/textos/anahi1.htm>. Acesso em 12 de junho de 2017.
- XAVIER, Elódia (2003). O corpo a corpo na literatura brasileira: a representação do corpo nas narrativas de autoria feminina. In: MUZART, Zahidé e BRANDÃO, Izabel (org). **Refazendo nós: ensaios sobre mulher e literatura**. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC.